



ESTRESSE EM JOVENS ATLETAS DE VOLEIBOL E ALUNAS DO ENSINO MÉDIO

Átila Alexandre Trapé

Universidade de São Paulo – Brasil

Elaine Prodócimo

Universidade Estadual de Campinas – Brasil

Fernando César Paulino-Pereira

Universidade Federal de Goiás – Brasil

Maria Aparecida da Câmara Nery

Centro Universitário Ítalo-Brasileiro – Brasil

Resumo: Existem diversas situações na vida de uma adolescente que podem exigir uma demanda psíquica e emocional; em muitos casos, esses fatores relacionam-se com o estresse. É importante pensar de uma maneira mais ampla nesse processo de transição por que as adolescentes estão passando, seja na vida pessoal (incluindo os estudos), seja no contexto esportivo. Este estudo teve como objetivo geral identificar as manifestações de estresse na vida pessoal das adolescentes, levantar, mediante depoimentos, as relações entre essas manifestações e observar sua influência nesse importante processo de transição pelo qual elas estão passando. Participaram neste estudo 18 atletas de voleibol de duas equipes da categoria Infantojuvenil (15-17 anos) que disputaram a Copa Regional de Voleibol em 2007 (Grupo A – atletas de um clube privado de Campinas, das quais a maioria estuda em escola privada; e Grupo B – atletas de um clube vinculado à prefeitura de uma cidade da Região Metropolitana de Campinas, das quais todas estudam em escola pública). Os depoimentos das adolescentes foram organizados a partir do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) proposto por Lefèvre e Lefèvre (2003). Nos resultados, as adolescentes apresentaram informações indicando que conciliar a preparação para o vestibular juntamente com a vida de atleta é uma situação geradora de estresse. Indicaram ainda que situações comuns como “namorar”, “sair com os amigos” e “estar com a família” se tornam também difíceis de conciliar em meio à vida de atleta e estudante do ensino médio que se prepara para o vestibular.

Palavras-chave: estresse psicológico; adolescência; voleibol.

INTRODUÇÃO

O esporte competitivo, em diferentes níveis, exige do praticante esforço psíquico e emocional; em muitos casos essas demandas relacionam-se com o estresse e podem afetar negativamente não apenas o rendimento no esporte, como também outros fatores da vida pessoal. Mesmo tratando-se de atletas, além do contexto

do esporte competitivo, é importante levar em consideração o estresse como componente constante da vida das pessoas nas diversas fases de desenvolvimento e maturação, especialmente no caso da adolescência, como se discute neste estudo (15-17 anos), período que, além de considerado uma transição no contexto do voleibol, também o é no período escolar, já que o jovem está concluindo o ensino médio e muitas vezes em fase pré-vestibular. Considerem-se ainda outros aspectos, que incluem a busca pela harmonia com a própria sexualidade e, no âmbito social, a relação com amigos e família.

A literatura considera que diversas demandas surgem para as adolescentes nesse período de transição em diferentes âmbitos (RUETER et al., 1999; MARGIS et al., 2003; PIRES et al., 2004; KRISTENSEN et al., 2004).

No que se refere ao voleibol competitivo, Gouvea (2005) afirma que a categoria infantojuvenil é a primeira a seguir as mesmas regras estruturais da categoria adulta, destacando a altura da rede a 2,24 m; e quanto aos fatores organizacionais, o sistema de jogo, incluindo as formações táticas de ataque, defesa e outros fundamentos, já são praticamente os mesmos utilizados na categoria adulta. Na categoria infantojuvenil, geralmente ocorre a etapa final de especialização dos jogadores de acordo com sua função tática, e ainda acontecem as primeiras competições nacionais e internacionais promovidas pelos órgãos oficiais, gerando a formação de seleções estaduais e nacionais para a disputa dos campeonatos. Destacar-se nessa fase é extremamente importante para manter-se no esporte competitivo.

Em relação aos estudos, os alunos de Ensino Médio são desafiados a definir um projeto de futuro. Como bem coloca Brasil (2009), o Ensino Médio é uma etapa intermediária entre o Ensino Fundamental e a Educação Superior e possui a particularidade de fornecer meios para o indivíduo progredir no trabalho e em estudos posteriores. Dessa forma, os adolescentes devem consolidar ao mesmo tempo opções que integram profissão, formação e emprego. A velocidade das transformações sociais, as incertezas econômicas globais, os avanços tecnológicos são fatores que contribuem para transformações marcantes no mundo do trabalho na atualidade, tornando as escolhas no campo profissional particularmente difíceis para os jovens. Talvez, pela complexidade das escolhas, essa fase seja marcada por incertezas e dúvidas, na qual muitos adolescentes se sentem confusos e com dificuldade de estabelecer opções (OLIVEIRA et al., 2003).

No que se refere aos estudos relacionados ao tema “Adolescência”, segundo Pereira (2004), a palavra “adolescência” tem sua origem etimológica no latim *ad* (‘para’) + *olescere* (‘crescer’); portanto, “adolescência” significaria, *stricto sensu*, “crescer para”. Pensar na etimologia dessa palavra, remete-nos à ideia de desenvolvimento, de preparação para o que está por vir, algo já estabelecido mais à frente; preparação essa para que a adolescente se enquadre nesse “à frente” que está colocado, culminando na idade adulta (PEREIRA; PINTO, 2003). Significa que a adolescência é uma “fase” que tem que ser vivida para alcançar aquilo que é ideal. Há algum tempo que a adolescência tem sido vista como “o problema”, um momento de crise, porém deve-se buscar uma visão mais ampla dessa população (RENA, 2003; BRANDÃO, 2003).

De acordo com Osório (1989), a sociedade ocidental vem reproduzindo essa ideia reducionista, limitando a compreensão da adolescência, como se essa se resumisse à puberdade, acreditando que somente as mudanças fisiológicas “comandam” esse momento da vida, normatizando e “naturalizando” os possíveis conflitos por meio da ideia de que esses estão atrelados a uma “erupção” de hormônios, menosprezando o sujeito de desejo que confronta seu lugar no mundo, mediante discursos minimalizadores do tipo “todo adolescente é assim”. O autor complementa que a puberdade corresponde às modificações biológicas e está relacionado aos aspectos físicos e biológicos do indivíduo, iniciando-se por volta dos 9/10 anos de idade nas meninas, enquanto a adolescência corresponde às transformações biopsicossociais em que essas se inserem.

Adolescência é a fase do desenvolvimento humano que marca a transição entre a infância e a idade adulta (BRANDÃO, 2003). Com isso, essa fase se caracteriza por alterações em diversos níveis – físico, mental e social – e representa para o indivíduo um processo de distanciamento de formas de comportamento e privilégios típicos da infância e de aquisição de características e competências que o capacitem a assumir os deveres e papéis sociais do adulto (OERTER; DREHER, 2002).

Reconhecendo essa variedade de manifestações que geram diversas demandas para as adolescentes nessa importante fase de transição, quais conhecimentos seriam importantes por parte de todos aqueles que trabalham diretamente com as adolescentes, seja no âmbito escolar, seja no do esporte competitivo? De que tipo de metodologia e objetivo no aspecto psicológico as atletas necessitam? De que forma as comissões técnicas das equipes de voleibol podem auxiliar essas atletas?

Na literatura da psicologia aplicada ao esporte, a ansiedade e o estresse são vistos como uma das principais variáveis que interferem no desempenho dos atletas (FIGUEIREDO, 2000). Cruz e Caseiro (1997) identificaram em estudo com atletas de voleibol que um dos problemas que mais requerem apoio psicológico é o controle da ansiedade e do estresse. Samulski e Noce (1996) afirmam que um dos principais fatores para queda de desempenho em diferentes contextos da vida cotidiana é o estresse. Os jogos, as competições esportivas e o vestibular expõem as adolescentes a uma série de situações que podem levá-las a níveis de estresse diferentes, variando de acordo com o indivíduo, suas experiências, seu gênero, sua idade, dentre outros (SAMULSKI; CHAGAS, 1992; SEVERO, 1994; DE ROSE JR. et al., 2004; GOUVEA et al., 2004a, 2004b). Dependendo do nível de estresse atingido, ocorre queda de rendimento no esporte e em outras atividades, incluindo as escolares, podendo ainda afetar negativamente a vida da adolescente. O modo como a adolescente reage à situação estressante também pode ser decisivo nesse contexto.

A preparação psicológica realizada em categorias de base competitiva, que vai da iniciação esportiva até a categoria juvenil (18-19 anos), deveria ser adequada a cada fase de desenvolvimento por que a atleta passa, e cada ambiente e grupo de atletas sofrem demandas psicológicas diferentes, ainda mais pensando em relação à categoria adulta (alto nível). Nessa última, são abordados diferentes aspectos e especialmente com objetivos muito distintos, já que os atletas são contratados e prestam seus “serviços” a determinado clube ou prefeitura, na maioria das vezes ligado à figura de um patrocinador.

Na categoria adulta, a maior preocupação é o resultado, dado que a vitória tem influência direta nos rendimentos econômicos envolvidos com a equipe (COSTA, 1991 apud EIPHANIO, 2001). Dessa forma, o trabalho psicológico para esse grupo deve analisar e desenvolver os fatores psíquicos determinantes do rendimento no esporte com a finalidade de melhorar o rendimento e aperfeiçoar o processo de recuperação. Nas categorias de base, dever-se-ia enfatizar o processo de formação. As adolescentes têm de conciliar o voleibol com a escola e mais uma série de afazeres, isso sem esquecer os momentos de lazer que são extremamente importantes na infância e na adolescência.

Um trauma psicológico ocasionado por *overtraining*, que segundo Costa e Samulski (2005) é definido como a síndrome do supertreinamento, responsável por promover alterações fisiológicas, mentais e sociais, ou um trauma ocasionado por situações estressantes do esporte, tais como pressão familiar, ênfase na vitória a qualquer custo, dentre outras, pode afastar para sempre um adolescente do esporte. A síndrome do *burnout*, que está relacionada com a exaustão e a diminuição do interesse por determinada prática ou atividade, também pode estar presente nesse caso (ROHLFS et al., 2005). Confirmando essas ideias, Paes (1997) afirma que o valor dado pela prática competitiva às vitórias é inversamente proporcional ao valor dado para as derrotas, atuando assim a derrota como fator de desmotivação para a prática. Como resultante desse processo, e levando em conta que na categoria infantojuvenil ocorre um incremento bastante considerável na carga de trabalho e horas de treinamento, buscando uma aproximação aos moldes da categoria adulta, Gouvea (2005) afirma que pode ocorrer a desistência prematura da atleta que, circunstancialmente, poderia tornar-se uma atleta de alto rendimento. Além disso, cabe ressaltar que nem todas as atletas que iniciam na modalidade serão jogadoras profissionais. Por sinal, a minoria seguirá no alto rendimento, já que as exigências nas categorias Juvenil e Adulto são ainda maiores. Deve-se evitar que traumas ocasionados pelo esporte possam afetar negativamente a vida das adolescentes. O estudo de Cupertino et al. (2006) buscou uma relação entre variáveis presentes na infância ou adolescência enquanto exercendo um efeito de longo prazo na saúde emocional dos idosos, encontrando resultados que indicam que aqueles que cresceram e se desenvolveram em contextos e

situações de estresse apresentaram problemas na saúde psicológica. Por sua vez, variáveis da infância e adolescência podem ter o efeito protetor em longo prazo na saúde emocional de idosos. Por exemplo, a presença de variáveis protetoras, tais como suporte social – representado pela existência ou disponibilidade de uma rede (de suporte social), com que a criança e o adolescente possam contar, se sentir importantes, valorizados e amados –, pode amenizar a experiência do estresse e os efeitos desse na saúde emocional de idosos (GOLDSTEIN, 1995).

No esporte competitivo, de uma maneira geral, tem-se observado que os atletas têm sofrido constantes quedas de rendimento em virtude de situações estressantes impostas pelo jogo. Analisando o esporte competitivo atualmente, percebe-se que as categorias de base são tratadas praticamente da mesma forma que a categoria adulta. Alguns estudos (CATELL, 1981 apud CRATTY, 1984; DE ROSE JR. et al., 2004; GRIF-FIN, 1988 apud SEVERO, 1994; GOUVEA et al., 2004a, 2004b; GOUVEA, 2005; SAMULSKI; CHAGAS, 1992) já evidenciaram que a faixa etária entre 12 e 18 anos apresenta forte relação com o estresse, em situações tanto no esporte como na vida pessoal, e que novos estudos devem ser realizados sobre essa temática, nessa faixa etária. No caso do voleibol, a categoria tratada neste estudo é a que mais sofre influência dessa constatação, pois é uma etapa importante de transição para a fase adulta não somente nos temas relacionados à competição, como também na vida pessoal das atletas. É nessa fase, ainda, que as atletas costumam ter os primeiros envolvimento amorosos mais sérios. Há também o papel da família, que às vezes atua mais como agente de pressão do que de apoio. De acordo com o estudo de Oliveira et al. (2003), a literatura tem observado que entre os eventos estressores mais significativos estão presentes as relações familiares e término de namoros. Alguns estudos (NOCE; SAMULSKI, 2002; PIRES et al., 2004; GOUVEA et al., 2004a, 2004b; GONÇALVES; BELO, 2007) demonstram ainda que as mulheres sofrem mais para controlar o estresse do que os homens. E os Instrumentos e Escalas encontrados, relacionados à análise do estresse psíquico, são direcionados a outras modalidades; ou, se relacionados ao voleibol, estão ligados às situações de treino, ao gênero masculino ou à categoria adulta. Não se encontrou nenhum Instrumento ou Escala que, além de avaliar as situações estressantes no contexto do esporte competitivo, também analisasse outras possíveis manifestações de estresse na vida dessas atletas, por isso Trapé et al. (2008) criaram e validaram a Escala para Análise do Estresse Psíquico no Voleibol – AEP-V.

Para entender a definição e a maneira como se manifesta o estresse, é importante, antes, definir o conceito de “ativação”. Segundo Weinberg e Gould (2001, p. 96), ativação é “uma preparação fisiológica e psicológica geral em uma pessoa e refere-se às dimensões de intensidade de motivação em determinado momento, variando em um *continuum* de sono profundo a uma intensa agitação”. Vale ressaltar que a ativação não está automaticamente associada a eventos agradáveis ou desagradáveis. Uma situação geradora de estresse numa partida ou na preparação para o vestibular, por exemplo, pode ativar um indivíduo, de tal maneira, podendo repercutir positiva ou negativamente no seu rendimento.

Parece evidente que é necessário certo nível de ativação para conseguir alcançar uma meta. O nível de ativação deve variar de acordo com cada tarefa e ser distinta para cada indivíduo; por isso, é um objetivo prioritário do treinamento e da própria concentração, que os esportistas controlem seu nível ótimo de ativação (LOZANO, 2001).

Vale frisar que o estresse é a relação particular entre o indivíduo e o ambiente que é avaliado pelo indivíduo, assim como os recursos que ele possui para manter-se em estado de bem-estar. Dessa forma, as mesmas demandas vão desencadear distintas respostas para indivíduos diferentes: levando-se em consideração situações competitivas relacionadas aos estudos e ao esporte, determinado indivíduo pode sofrer queda de rendimento a partir de uma demanda, enquanto outro não.

O estresse, nesse sentido, é definido como “um desequilíbrio substancial entre demanda (física e/ou psicológica) e capacidade de resposta, sob condições em que a falha em satisfazer aquela demanda tem impor-

tantes consequências” (MC GRATH, 1970, p. 20). É um processo, uma sequência de eventos que levará a determinado fim.

De acordo com Spielberg, Hackford e Schwenkmezger (1993 apud SAMULSKI, 2002), a ansiedade é considerada uma emoção típica do estresse. Martens, Vealey e Burton (1990) afirmam que a ansiedade cognitiva é um componente mental da ansiedade e é causada por expectativas negativas sobre o sucesso ou por uma autoavaliação negativa; no esporte ou nos estudos, a ansiedade cognitiva é mais comumente manifestada por um desempenho negativo e, desse modo, uma autoavaliação negativa; já a ansiedade somática se refere a elementos fisiológicos e afetivos da ansiedade, é uma experiência somática de excitação, como frequência cardíaca aumentada, alteração da respiração, suor nas mãos, frio no estômago e tensão muscular.

Às vezes, referimo-nos à ansiedade ao discutirmos

[...] um componente estável da personalidade (ansiedade-traço) e uma tendência comportamental de perceber como ameaçadoras circunstâncias que objetivamente não são perigosas e de responder a elas com ansiedade-estado desproporcional; a ansiedade-estado é o termo usado para descrever um estado emocional temporário, em constante variação (SPIELBERGER, 1966, p. 17).

Martens, Vealey e Burton (1990) indicam que a ansiedade é uma ocorrência comum em situações competitivas e que os efeitos da ansiedade no desempenho esportivo são extremamente debilitantes. Os autores definem a ansiedade-traço competitiva como uma tendência a perceber situações competitivas como ameaçadoras e a responder a essas situações com a ansiedade estado. Nesse contexto, ansiedade está relacionada com estresse.

De acordo com o modelo simples proposto por Mc Grath (1970), nota-se que a relação entre estresse, ansiedade e ativação é bastante evidente e consiste de quatro estágios inter-relacionados.

Estágio 1 (demanda ambiental): algum tipo de demanda é imposto ao indivíduo (pode ser física ou psicológica).

Estágio 2 (percepção da demanda): percepção do indivíduo da demanda física ou psicológica. O nível de ansiedade-traço de uma pessoa influencia enormemente na forma como ela percebe o mundo. As pessoas não percebem as demandas exatamente da mesma forma.

Estágio 3 (respostas ao estresse): respostas físicas e psicológicas do indivíduo à percepção da situação. Se a percepção da pessoa de um desequilíbrio entre demanda e sua capacidade de resposta a faz sentir-se ameaçada, o resultado será uma ansiedade-estado aumentada, trazendo com ele preocupação (ansiedade-estado cognitiva), ativação fisiológica aumentada (ansiedade-estado somática) ou ambas.

Estágio 4 (consequências comportamentais): comportamento real do indivíduo. O desequilíbrio entre capacidade e demanda promove queda ou melhora no rendimento? Este estágio final se realimenta no primeiro. Uma avaliação social negativa se tornará uma demanda adicional sobre o indivíduo (Estágio 1). O processo de estresse, então, irá tornar-se um ciclo contínuo.

A partir das ideias apresentadas, o presente estudo tem como objetivo geral identificar manifestações de estresse na vida pessoal de adolescentes, atletas de voleibol feminino, alunas do Ensino Médio; e como objetivos específicos levantar por meio dos depoimentos as relações entre essas manifestações e observar a influência delas nesse importante processo de transição pelo qual as adolescentes estão passando, que vai desde as situações enfrentadas no contexto esportivo e escolar até a tomada de decisões sobre os rumos a serem seguidos nos diferentes âmbitos da vida de cada uma; além disso, pretende ainda evidenciar se existem diferenças quanto às manifestações do estresse na vida dessas adolescentes dos diferentes grupos (Grupo A – atletas de um clube privado de Campinas; Grupo B – atletas de um clube vinculado à prefeitura de uma cidade da Região Metropolitana de Campinas).

MÉTODO

Amostra

Participaram deste estudo 18 jovens do sexo feminino, de duas equipes que disputaram a Copa Regional de Voleibol (região de Campinas) em 2007, na Categoria Infantojuvenil (15-17 anos), sendo nove atletas de um clube privado do município de Campinas (Grupo A) e nove atletas da equipe de uma prefeitura da Região Metropolitana de Campinas (Grupo B). Todas as jovens deste estudo estavam cursando o Ensino Médio em 2007.

Cuidados éticos

Por se tratar de um estudo que envolve seres humanos, este projeto foi apresentado ao Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp (CEP-Unicamp) em fevereiro de 2007, obtendo seu parecer de aprovação em março de 2007 (parecer n° 076/2007).

Todos os indivíduos e seus responsáveis foram informados sobre os objetivos e métodos da pesquisa antes de iniciarem os procedimentos e tiveram sua identidade preservada durante e após o estudo. Essas e outras informações constam no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi utilizado no presente estudo. Os termos de Consentimento foram entregues para as atletas no Torneio Início da Copa Regional de Voleibol e devolvidos com a assinatura dos responsáveis na ocasião da aplicação da escala.

Procedimentos

Esta pesquisa foi realizada em uma competição específica (Copa Regional de Voleibol 2007), em março de 2007, e, dessa forma, foi estabelecido um contato com o órgão responsável pelo Torneio, no qual foram detalhadamente explicados todos os objetivos e procedimentos adotados. A resposta foi a de total apoio para o desenvolvimento da pesquisa, sendo fornecidos todos os contatos dos clubes filiados e inscritos na competição. Em abril de 2007, foi estabelecido um contato com a comissão técnica e as diretorias das respectivas equipes e clubes, evidenciando o propósito do estudo. Todas as equipes acordaram com a participação das atletas no estudo.

A escala foi aplicada pelo pesquisador em um jogo entre as duas equipes na Copa Regional de Voleibol 2007. Os responsáveis pelas equipes aceitaram que as atletas participassem da pesquisa nessa ocasião. A aplicação foi feita no ginásio onde as equipes jogaram, devendo cada atleta responder sua escala de maneira individual. Antes do início, foi solicitado às atletas que tentassem responder as questões com a maior sinceridade possível. O pesquisador ficou responsabilizado pela aplicação da escala, facilitando assim o esclarecimento de eventuais dúvidas.

Instrumento

O Instrumento utilizado neste estudo foi a Escala para Análise do Estresse Psíquico no Voleibol – AEP-V, criada e validada por Trapé et al. (2008). A escala consiste em uma parte quantitativa, com 14 assertivas que expõem as atletas às situações específicas do jogo de voleibol; e uma parte qualitativa, por meio de uma questão aberta, buscando apresentar e relacionar o estresse em situações da vida pessoal das atletas. A parte quantitativa da Escala foi analisada na primeira parte deste estudo, publicada por Trapé et al. (2010). Em continuidade ao estudo de Trapé et al. (2010), este estudo analisa a questão aberta da Escala:

– Este trabalho buscou analisar em um primeiro momento a manifestação do estresse em situações específicas do jogo de voleibol.

Questão aberta: Gostaríamos, agora, de que você comentasse sobre as possíveis manifestações do estresse em sua vida pessoal, em situações que contemplem não somente o contexto esportivo. Isso não impede de relacionar um possível estresse no esporte a essas outras manifestações de sua vida pessoal. Fique à vontade para escrever o que quiser e se essas manifestações do estresse não estão presentes em sua vida pessoal.

Abordagem quali quantitativa: o discurso do sujeito coletivo

Segundo Michel (2009), a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica, particular, contextual e temporal entre o pesquisador e o objeto de estudo. Por isso, carece de uma interpretação dos fenômenos à luz do contexto, do tempo, dos fatos. O ambiente da vida real é a fonte direta para a obtenção dos dados, e a capacidade do pesquisador de interpretar essa realidade, com isenção e lógica, baseando-se em teoria existente, é fundamental para dar significado às respostas. Esse tipo de pesquisa fundamenta-se na discussão da ligação e correlação de dados interpessoais, na coparticipação das situações dos informantes, analisados a partir da significação que esses dão a seus atos. Na pesquisa qualitativa, a verdade não se comprova numérica ou estatisticamente, mas convence na forma da experimentação empírica, a partir da análise feita de forma detalhada, abrangente, consistente e coerente, assim como na argumentação lógica das ideias, pois os fatos em ciências sociais são significados sociais, e sua interpretação não pode ficar reduzida a quantificações frias e descontextualizadas da realidade.

Michel (2009) comenta ainda que é importante considerar que há termos nas respostas dadas tão carregados de valores, que só um participante do sistema social estudado, que vive e conhece a realidade do grupo, pode compreendê-lo e interpretá-lo.

A partir das ideias citadas, estruturou-se o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), proposto por Lefèvre e Lefèvre (2003). Os dados foram preparados sob a forma de duas figuras metodológicas: ideia central e expressões-chave. Esses foram conseguidos a partir das respostas emitidas pelas atletas, as quais permitiram a identificação de palavras e expressões. Posteriormente, foram categorizados segundo similaridades ou equivalências, ou seja, pelo fato de conterem a mesma ideia.

O Discurso do Sujeito Coletivo elenca e articula uma série de operações sobre a matéria-prima de depoimentos coletados em pesquisas empíricas de opinião por meio de questões abertas, operações que redundam, ao final do processo, em depoimentos coletivos confeccionados com extratos de diferentes depoimentos individuais – cada um desses depoimentos coletivos veiculando determinada e distinta opinião ou posicionamento, sendo tais depoimentos redigidos na primeira pessoa do singular, com vistas a produzir, no receptor, o efeito de uma opinião coletiva, expressando-se, diretamente, como fato empírico, pela “boca” de um único sujeito de discurso (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006).

RESULTADOS

Caracterização da amostra

A idade da Amostra estava compreendida entre 15 e 17 anos e apresentou uma média de $16,21 \pm 0,99$ anos; não se observou diferença estatística significativa na idade entre os grupos; das 18 atletas, 14 eram atacantes (77,8%), três eram levantadoras (16,6%) e uma era líbero (5,6%). O tempo de experiência no voleibol variou entre três e nove anos, e a média encontrada foi a de $4,57 \pm 1,69$; das 18 atletas, 12 (66,6%) possuíam experiência em outras atividades esportivas (basquete, futebol, handebol, atletismo, natação, balé, hipismo), enquanto as outras seis (33,4%) só possuíam experiência de prática com o voleibol. Cem por cento das atletas estavam matriculadas no Ensino Médio: nove (50%) eram alunas do terceiro ano; seis (33,3%), alunas do segundo ano; e três (16,7%), alunas do primeiro ano do Ensino Médio. Doze (66,6%) eram alunas de instituições públicas e seis (33,4%), de instituições privadas, sendo todas essas de instituições privadas pertencentes ao clube privado do município de Campinas (Grupo A).

Apresentação dos resultados

Este estudo buscou analisar as respostas das 18 atletas (Grupo A e Grupo B) da questão aberta do Instrumento.

As respostas obtidas permitiram levantar indícios sobre como as atletas pensavam, sentiam e se relacionavam com os acontecimentos, as pessoas e as atividades gerais, fornecendo ainda dados sobre o papel da escola e do esporte, assim como informações do cotidiano familiar e outros aspectos fora da escola e do esporte.

Algumas atletas tiveram dificuldades para escrever. Essas ficavam pensando, olhavam para o lado, para cima e, às vezes, pouco escreviam. Outras se utilizaram da questão, como elas mesmas colocaram, como uma possibilidade de desabafo ou “terapia”.

Na dimensão descritiva, analisando os discursos de um conjunto de indivíduos submetidos a uma mesma circunstância, foi possível resgatar e identificar ideias, opiniões e sentimentos para buscar entender os modos de pensar e interpretar das atletas ante o trabalho educativo apresentado. Para Bourdieu (1972 apud LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003), os indivíduos atuam como uma categoria que detém hábitos e representações semelhantes, que se traduzem em determinadas práticas sociais e modalidades de discurso que as expressam.

Usando-se as figuras metodológicas, expressão-chave e ideia central, foram organizadas as informações presentes nos discursos das atletas. As expressões-chave, selecionadas a partir da própria fala das atletas, e a ideia central, que traduziu o sentido da fala, “revelaram o sentido da resposta”, como afirmam Lefèvre e Lefèvre (2003). Essas foram posteriormente agrupadas e categorizadas segundo similaridades, nas informações apresentadas pelas atletas, no que diz respeito às manifestações do estresse na vida pessoal das mesmas, fornecendo as seguintes categorias de discurso:

1. Estudos e vestibular
2. Profissionalismo no voleibol
3. Excesso de tarefas
4. Família
5. Namoro
6. Amigos
7. Necessidade de trabalhar e situação econômica insatisfatória
8. Estresse competitivo

De posse das categorias, foram construídos os Discursos do Sujeito Coletivo representando os discursos-síntese dos sujeitos envolvidos.

É importante salientar que tais discursos não são vistos como a soma de pensamentos, mas representam, de modo coletivo, o pensamento de um grupo definido, cujos participantes, presentes no mesmo tempo e espaço, estavam submetidos a uma mesma intervenção educativa.

Cada Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) leva um número, referente à categoria, e uma letra, referente ao grupo que respondeu. Portanto, o discurso da categoria 1, do Grupo A, leva a indicação DSC 1A. Ainda, cada sujeito (S) que respondeu algo referente à categoria em questão tem seu número indicado adiante. Os sujeitos de 01 a 09 fazem parte do Grupo A, e os sujeitos de 10 a 18 fazem parte do Grupo B.

I Estudos e vestibular

DSC 1A (S1, S4, S5, S8, S9): “Meu maior estresse é com os estudos. O vestibular está próximo e minha família me pressiona. Estou com dificuldades para estudar devido a meus problemas pessoais e sei que

tenho que estudar muito, pois, se não passar em uma universidade pública, talvez eu não consiga cursar minha carreira. E depois que você entra na faculdade, tem que estudar ainda mais”.

DSC 1B (S13, S16, S17): “Este ano tem vestibular e eu quero muito estudar na Unicamp. É uma Universidade conceituada e ia ser legal estudar lá. Gostaria de estudar mais, mas não consigo. Não gosto de estudar”.

2 Profissionalismo no voleibol

DSC 2A (S1, S2, S8, S9): “Minha paixão é o voleibol e eu quero muito ser jogadora profissional, sonho com isso. Não me vejo fazendo outra coisa e me preocupo por ver minhas companheiras em um nível mais avançado do que o meu. Tenho que treinar sempre bem para ser titular. Se eu não for profissional, o voleibol pode me ajudar a conseguir uma bolsa em uma faculdade”.

DSC 2B (S10, S12): “Sonho em ser jogadora. Quando vejo as jogadoras profissionais, fico empolgada. O esporte é uma possibilidade de crescer na vida, tem que acreditar. Com o voleibol, é possível conseguir uma bolsa de estudos em uma faculdade. Tenho duas amigas que conseguiram isso. Sei que eu tinha que ter começado a jogar antes, mas vou continuar tentando mesmo assim”.

3 Excesso de tarefas

DSC 3A (S3, S8): “É muito difícil conciliar este monte de coisas e isso me estressa. O mais difícil está sendo conciliar estudos e treinos”.

DSC 3B (S12, S13, S16): “Tenho que ajudar a cuidar dos meus irmãos, da minha avó e da casa. Antes dava mais tempo de estudar, treinar e sair com meus amigos. Se minha mãe não chega a tempo, eu não posso ir treinar. O resultado de quem quer passar no vestibular e ainda jogar é que tudo acaba não ficando bem-feito, além do cansaço em conciliar essas duas atividades”.

4 Família

DSC 4A (S1, S3, S8, S9): “Minha família me apóia no esporte, mas me pressiona para que eu me saia bem nos estudos. Às vezes, a família mais pressiona do que ajuda. Devido às outras atividades, chego em casa e não tenho paciência com meus irmãos. A família virou obrigação, pois já não consigo ficar com eles espontaneamente. Às vezes, o apoio que eles me dão se torna pressão”.

DSC 4B (S10, S11, S12): “Minha mãe queria que eu fizesse algo que me desse retorno financeiro imediato. Tenho que ir à Igreja por causa dela, mesmo sem gostar. Minha mãe assiste aos jogos. Minha família me apóia e vai ser difícil morar longe deles. Minha mãe não gosta quando me vê sonhando em ser jogadora”.

5 Namoro

DSC 5A (S2, S3, S8): “Meu namorado terminou comigo, porque sou muito ocupada. Às vezes, o namorado pressiona mais do que ajuda. Cada vez mais eu tenho menos tempo e meu namorado fica me cobrando. Se eu for morar em outra cidade, vai ser difícil poder continuar com ele”.

DSC 5B (S11, S14, S16): “Tenho pena de pensar em estar longe do meu namorado, mas tenho que pensar no meu futuro. Meu namorado me deixa nervosa, ele não é muito confiável e estou sempre pensando onde ele está e no que ele está fazendo. Eu namoro há 5 anos e estou com dificuldades para dar atenção a ele”.

6 Amigos

DSC 6A (S9): “Estar com os amigos se tornou obrigação, pois não sobra mais tempo. Antes sobrava tempo e isso acontecia automaticamente. Quando me vejo estressada, percebo que alguns amigos não se preocupam muito”.

DSC 6B (S16): “Sinto falta dos meus amigos que, em meio a tanta coisa, a gente quase nem se vê”.

7 Necessidade de trabalhar e situação econômica insatisfatória

DSC 7A (S4): “Meu maior problema agora é que meu pai está desempregado. Minha mãe está bastante apreensiva e meu pai anda mais nervoso do que ele já era normalmente. Economicamente estamos mal”.

DSC 7B (S10, S17): “Gosto muito de jogar voleibol, mas sei que não vai me dar futuro, é só uma fase mesmo. Minha mãe quer que eu faça algo em que eu ganhe dinheiro. No final do ano, quando acabar o ensino médio, vou trabalhar na loja da minha tia e vou ter que parar de treinar”.

8 Estresse competitivo

DSC 8A (S2, S7, S9): “Sou muito nervosa e todas as vezes que entro para jogar fico apreensiva e não consigo jogar direito”.

DSC 8B (S10, S15): “A parte de cima do questionário que eu respondi me fez lembrar das vezes que fico nervosa no jogo”.

DISCUSSÃO

Analisando os resultados, e concordando com os resultados de Pires et al. (2004), que apresentou que quase metade dos adolescentes pesquisados em seu estudo (43,1%) estava com níveis de estresse prejudicial à saúde, é possível perceber que as jovens atletas que participaram do presente estudo apresentam diversas manifestações do estresse. Dentre essas, é possível perceber semelhanças nos diferentes contextos e mesmo na maneira como o contexto interfere em suas vidas. Porém, se compararmos Grupo A e B, é possível perceber ênfase maior em algumas categorias do que em outras; e dentro da mesma categoria, manifestações diferentes.

Na categoria I “Estudos e vestibular” é possível observar que as jovens atletas do Grupo A se aproximam mais do contexto do vestibular do que as do Grupo B, referindo-se a esse como um momento bastante complicado na vida delas. Cinco das nove atletas do Grupo A expressaram ideias nessa categoria, apontando o cansaço de conciliar os treinos com o voleibol, a pressão de ingressar em uma Universidade Pública ou em um curso de alta demanda e a ansiedade em se apresentar para a prova como situações geradoras de estresse. No Grupo B, três das nove atletas relataram ideias nessa categoria. Uma comentou sobre o fato de querer estudar em uma Universidade Pública, outra sobre a quantidade de assuntos novos relacionados ao término do Ensino Médio e a última, sobre não gostar de estudar. Os depoimentos relacionados a essa categoria nos mostram que as atletas do Grupo A expressam uma preocupação maior com os estudos e o vestibular.

Essas preocupações relacionadas aos estudos e ao vestibular podem ser justificadas, como bem coloca Oliveira et al. (2003), pelo desafio dos alunos de Ensino Médio em definir um projeto futuro, integrando profissão, formação e emprego. No que concerne à escola, as políticas educacionais definem como objetivo do Ensino Médio a preparação para o ingresso no Ensino Superior; ignorando as contradições sociais que privam do acesso a esse nível de ensino a imensa maioria da população de 18 a 24 anos. Dessa forma, o acesso e a permanência no Ensino Superior, ao longo das décadas, se mantêm bastante elitizados, especialmente nas universidades públicas. Conforme discutido por Maia (1989), isso ocorre porque os alunos provenientes das

camadas populares não recebem da escola condições de competir por vagas no sistema público de Ensino Superior em igualdade com os das camadas altas. Dessa forma, o sucesso dos jovens que alcançam a universidade pública, embora apresentado como mérito acadêmico e intelectual, é, na verdade, determinado socioeconomicamente (SANTOS, 1998). O trabalho de Günther e Günther (1998) sobre as perspectivas de futuro de jovens de Brasília corrobora essas reflexões, apontando que os que são provenientes de escolas particulares têm melhores expectativas quanto ao futuro.

Em relação à categoria 2 “Profissionalismo no voleibol”, quatro atletas do Grupo A demonstraram o sentimento de seguir jogando voleibol profissionalmente. Três delas comentaram sobre a paixão pelo esporte e uma delas, sobre a possibilidade de conseguir uma bolsa de estudos em uma faculdade. No Grupo B, duas atletas comentaram em seus depoimentos ideias que se encaixam nessa categoria. Uma delas vê no voleibol uma oportunidade de conquistar alguns objetivos, dentre eles uma bolsa de estudos em alguma faculdade. A outra comenta sobre seus sonhos e sua empolgação com o voleibol. Analisando os depoimentos dos dois grupos, percebemos que as atletas do Grupo A enfatizam mais o sonho de ser jogadora profissional. Blos (1998) assinala que a profissionalização é o processo mais importante na direção da consolidação dos interesses do ego, na fase final da adolescência. Em meio a tantas mudanças na vida das adolescentes, é possível perceber por meio dos depoimentos que seguir carreira profissional dentro do voleibol parece ser o desejo da maioria.

Sobre a categoria 3 “Excesso de tarefas”, três atletas do Grupo B apresentaram ideias em seus depoimentos que se relacionam com essa categoria. Duas delas comentam sobre o fato de ajudar em casa ou com a família como fatores de estresse, já que isso compete em tempo com os treinamentos em algumas situações. A terceira dessas três comentou sobre a dificuldade de conciliar os estudos e os treinamentos. Os dois depoimentos das atletas que fazem parte do Grupo A apontam o conflito entre estudos, vestibular e treinamentos como fatores de estresse. O estudo de Pires et al. (2004), com mais de 750 adolescentes, destacou o excesso de tarefas e acontecimentos dessa fase como um dos motivos mais relacionados ao estresse. A vulnerabilidade a esse tipo de estresse foi significativamente associada ao gênero ($p < 0,05$), e a proporção de adolescentes do gênero feminino foi quase o dobro (54,4%) em comparação com o masculino (28,8%).

Em relação à categoria 4 “Família”, as quatro atletas do Grupo A que expressaram ideias que se encaixam nessa categoria comentam sobre o fato de a família apoiar no esporte, mas ao mesmo tempo exercer pressão sobre os estudos e também sobre o próprio esporte. Comentam ainda que, em razão do excesso de tarefas, às vezes, é comum o fato de ficar com a família virar uma obrigação. Dos três depoimentos do Grupo B nessa categoria, dois relatam a falta de apoio no esporte, tendo um deles informações sobre o fato de ter que seguir uma conduta religiosa por causa da mãe. O terceiro depoimento mostra o distanciamento da família pelo fato de ir jogar em outra cidade como uma preocupação. Segundo Kristensen et al. (2004), dentre os eventos mais frequentes tidos como “estressores”, aparecem pressão familiar, cumprir ordens dos pais e brigas com irmãos. Oliveira et al. (2003) complementam que o contexto sociocultural é um dos grandes responsáveis pela relação do jovem com o mundo. Em especial, a família pode exercer grande impacto em sua inclinação profissional, guiando suas escolhas na direção daquilo que converge para as crenças e valores familiares. Conciliar as diferentes expectativas familiares acerca de si culminando em escolhas conscientes é uma grande dificuldade para a maior parte dos jovens. Rueter et al. (1999), em uma coorte prospectiva com 303 adolescentes, de ambos os sexos, entre 12 e 13 anos, avaliados anualmente por quatro anos, encontraram relações entre desavenças de pais e filhos como evento de vida estressor, sintomas de ansiedade e depressão e o surgimento de transtornos de ansiedade e depressão aos 19 e 20 anos.

Na categoria 5 “Namoro”, três atletas de cada grupo se manifestaram. Nos depoimentos dos dois grupos, é possível perceber informações que, assim como em alguns casos com a família, demonstram pressão dos namorados nas atletas. Questões relacionadas à falta de tempo para oferecer ao namorado e o distanciamento no caso de ir jogar ou estudar em outra cidade são levantados pelas atletas. Oliveira et al. (2003) ressaltam a importância desses primeiros envolvimento amorosos, colocado que a maioria das adolescentes da amos-

tra estudada possuía expectativas positivas quanto aos futuros relacionamentos afetivos, ou seja, a maior parte encara positivamente o estabelecimento de relacionamentos estáveis e a constituição de família.

Uma atleta de cada grupo expressou preocupação na categoria 6 “Amigos”. A atleta do Grupo A comenta sobre o fato de os amigos terem se tornado obrigação, já que não sobra mais tempo para encontrá-los espontaneamente. Faz ainda uma comparação com outros amigos sobre o fato de se preocupar demais com as coisas. A atleta do Grupo B comenta que sente falta dos amigos e que, em meio a tanta coisa, fica difícil encontrá-los. Assim como na categoria anterior, Oliveira et al. (2003) colocam também a preservação de amizades com alto grau de importância por parte dos adolescentes. Kristensen et al. (2004) complementam ainda que as “discussões com amigos” aparecem entre os eventos estressores mais frequentes na vida dos adolescentes.

Sobre a “necessidade de trabalhar e a situação econômica insatisfatória”, a atleta do Grupo A que se manifestou nessa categoria comenta sobre as dificuldades que a família está enfrentando pelo fato de o pai estar desempregado. As duas atletas do Grupo B comentam sobre pressão e necessidades da família para elas começarem a trabalhar. A primeira delas, no Grupo B, demonstra a falta de perspectivas com o voleibol. Segundo Oliveira et al. (2003), o trabalho da criança e do adolescente tem se apresentado como um dos mais graves e controvertidos problemas de saúde pública na atualidade. Apesar de não se caracterizar como fato novo, o trabalho infantil, apenas nas duas últimas décadas, passou a se colocar como um problema social, deixando seu espaço natural de fato cotidiano e passando a ocupar o *status* de problema.

A categoria 8 “Estresse competitivo” apresentou a resposta de três atletas do Grupo A e duas atletas do Grupo B, que demonstraram nervosismo em situações de jogo (competitivas). Para Gonçalves e Belo (2007), a maioria dos esportistas sofre pressão, medo e ansiedade causados pela obrigação de vencer, algo característico em uma sociedade na qual se exaltam a emoção da vitória e o sofrimento da derrota. Martin (1996 apud FIGUEIREDO, 2000) complementa que a espera pela “lista de corte” de um time ou o jogo de estreia de um time infantojuvenil em um campeonato mundial podem ser citados como exemplos de situações geradoras de ansiedade nos atletas. A exposição a esses tipos de experiências ansiosas pode muitas vezes causar mudanças fisiológicas, como estreitamento da atenção, aumento no consumo de energia, aumento de adrenalina, o que interfere negativamente no desempenho global do atleta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito às manifestações de estresse na vida das atletas e na interferência dessas manifestações no processo de transição pelo qual estão passando, ao se analisar os discursos construídos, foi possível observar a relação estabelecida pelas jovens com e entre as oito categorias apresentadas. Levando-se em consideração a análise dos discursos dos dois grupos em conjunto, percebeu-se que as atletas apresentam várias semelhanças nos temas relacionados às oito categorias. Analisando as diferenças entre os dois grupos, vale ressaltar que na Caracterização da Amostra foi possível perceber que a predominância no Grupo A é de jovens que estudam em escola particular, enquanto no Grupo B a totalidade estuda em escola pública. Talvez esse dado possa estabelecer alguma relação da questão socioeconômica e da realidade das atletas com as manifestações do estresse apresentadas pelas participantes deste estudo. Nos depoimentos do Grupo A, por exemplo, é possível perceber que existe uma preocupação maior com o vestibular e com os estudos, enquanto no Grupo B os depoimentos demonstram a maior necessidade de começar a trabalhar e ajudar com os afazeres de casa e da família, além de utilizar-se do voleibol como possibilidade de conseguir uma bolsa de estudos em uma faculdade. Vale ressaltar ainda que, de uma maneira geral, em ambos os grupos a família é citada no sentido de exercer pressão nos mais diversos aspectos; porém, no Grupo B, a família é relacionada mais fortemente com a falta de apoio no esporte. Nas categorias “Amigos” e “Namoro”, não se observaram grandes diferenças entre os grupos, mas uma preocupação comum em manter um bom relacionamento com o namorado e com os amigos.

O estudo de Oliveira, Pinto e Souza (2003) apresentou algumas diferenças entre jovens estudantes de escolas pública e privada de Brasília. O grupo representado pelos estudantes da escola privada foram os mais reticentes quanto ao futuro, revelando sentirem-se pressionados na tomada de decisões acertadas, apresentando alta frequência de respostas referindo-se às angústias a respeito do futuro. Tudo leva a crer que os adolescentes da escola privada de Brasília, pertencentes às camadas sociais em que é mais intensa a pressão por resultados, estejam expressando sentimentos de angústia e baixa autoconfiança quanto ao alcance de metas acadêmicas. No grupo representado pelos estudantes da escola pública, os adolescentes expressaram sentimentos ambíguos, porém predominando comentários de conteúdo negativo.

Pensando na contribuição que os dados apresentados neste estudo podem oferecer, acredita-se que eles poderão auxiliar os profissionais do esporte a lidarem de uma maneira mais adequada e eficiente com o controle do estresse no jogo de voleibol e em situações cotidianas da vida das atletas, por meio dos discursos apresentados pelas adolescentes neste estudo; vale evidenciar a atleta, no contexto do esporte competitivo, como alguém a ser analisada cuidadosamente do ponto de vista técnico, tático, físico e psicológico (especialmente) para que se tenha uma real noção da intensidade com que situações específicas do jogo e extraquadra poderão influenciar no rendimento das atletas.

Os depoimentos das adolescentes sugerem que, uma vez que fazem a opção de dedicarem-se mais fortemente ao esporte, levando-se em consideração essa aproximação ao alto nível, presente na categoria infantojuvenil, com maior carga e volume de treinamento, outras questões relacionadas aos estudos ou à vida pessoal podem ser prejudicadas, porém são escolhas que uma atleta deve fazer.

Os resultados aqui apresentados possibilitam chamar a atenção – especialmente dos profissionais que trabalham com equipes competitivas de voleibol feminino infantojuvenis – para o fato de que as manifestações de estresse existem e devem ser levadas em consideração na formação da atleta. Existe uma série de mudanças acontecendo em diversos âmbitos da vida pessoal da atleta. Um programa integrado poderia reduzir os níveis de ansiedade e estresse emocional para melhorar a qualidade de vida. Cabe ressaltar que, antes de técnico, o profissional que trabalha com voleibol, especialmente nas categorias de base, é um educador, e ele deve estar ciente de que não serão 100% de suas atletas que serão jogadoras profissionais. Por sinal, a minoria seguirá no alto rendimento, já que as exigências nas categorias Juvenil e Adulto são maiores, e nessa fase em geral a atleta está finalizando o Ensino Médio e tem a possibilidade de ingressar na Universidade ou começar a trabalhar. Portanto, essas precauções em torno da preparação psicológica poderão evitar o abandono precoce das atletas, além de possibilitar a formação de um indivíduo pronto para atuar na sociedade, já que essas manifestações de estresse estão presentes no dia a dia de todos. Espera-se ainda que a prática esportiva possa atuar como suporte no controle das demais manifestações de estresse na vida pessoal da atleta.

Acredita-se, dessa forma, que a preparação psicológica seria um suporte importante para que a atleta e também as demais pessoas envolvidas com a competição consigam desenvolver suas capacidades com melhor desempenho e eficiência. Assim, poder-se-ia concluir que a atleta bem assessorada teria melhores condições para lidar com as situações causadoras de estresse competitivo, seja no esporte, nos estudos, seja em outras situações cotidianas.

Vale ressaltar que o grupo de profissionais que compõe uma comissão técnica deve ter plena consciência do trabalho global e também de cada ação específica para que as estratégias e os resultados possam ser discutidos de forma adequada, possibilitando ajustes nos rumos do planejamento, sempre tendo como prioridade as atletas e não os resultados propriamente ditos.

Acredita-se ainda que sejam necessárias maiores investigações, experimentando outras abordagens, as diferenças entre gênero, nível de rendimento das atletas, respostas individuais e coletivas após sucesso e insucesso em determinadas situações, relações entre a classe social e o nível de estresse apresentado em determinadas situações, dentre outros, que possam estabelecer um parâmetro objetivo para a otimização da preparação psicológica, levando em consideração não somente a modalidade esportiva, mas também o contexto todo no qual está inserida essa jovem atleta.

Este estudo identificou algumas manifestações de estresse na vida pessoal de adolescentes atletas de voleibol e alunas do Ensino Médio, inseridas em dois diferentes contextos, e levantou, por meio dos depoimentos, as relações e a influência dessas manifestações no importante processo de transição que as adolescentes estão passando em diversos âmbitos. Não houve pretensão de generalizar os resultados para a população de adolescentes atletas e muito menos para a população de adolescentes em geral, em razão das limitações da metodologia empregada. Porém, foi possível descrever eventos mais comuns entre as participantes, corroborando, em linhas gerais, com os resultados obtidos em estudos anteriores.

STRESS IN VOLLEYBALL'S YOUNG ATHLETES AND HIGH SCHOOL STUDENTS

Abstract: There are many situations in an adolescent's life that may require a mental and emotional demand, in many cases these factors are related to stress. It is important to think in a broadest way about the process of transition that adolescents are going through in personal life (including study) or in the sporting context. This study aimed to identify the manifestations of stress in personal lives of adolescents and raise, using the testimonials, the relationship between these manifestations and to observe the influence of those in this important transition process by which they are passing. Participated on this study 18 young female volleyball players (15-17 years) from two teams who competed in the Regional Volleyball Cup in 2007 (Group A – Private club athletes from one of Campinas, most of them studying in private schools; Group B – a club of athletes linked to the city hall of metropolitan region of Campinas, all of whom studying in public school. The testimonials of the adolescents were organized from the Collective Subject Discourse (CSD) proposed by Lefèvre y Lefèvre (2003). In the results, the adolescents we have provided information indicating that combine preparation for the exam along with the athlete's life is a stress-producing. Also indicated that common situations such as “dating, going out with friends” and “being with the family” also become hard to combine in the midst of life as an athlete and high school student preparing for college entrance.

Keywords: psychological stress; adolescence; volleyball.

REFERÊNCIAS

- BLOS, P. **Adolescência**: uma interpretação psicanalítica. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BRANDÃO, E. R. **O debate contemporâneo sobre juventude**. Rio de Janeiro: UERJ, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de concepções e orientações curriculares para a educação básica. **O ensino médio inovador**. Brasília: Coordenação Geral de Ensino Médio, abril de 2009.
- COSTA, L. O. P.; SAMULSKI, D. M. Overtraining em atletas de alto nível: uma revisão literária. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 13, n. 2, p. 123-134, 2005.
- CRATTY, B. **Psicologia do esporte**. São Paulo: Prentice Hall do Brasil, 1984.

CRUZ, J. F.; CASEIRO, J. P. Estresse, ansiedade e competências psicológicas em atletas de elite e alta competição: relação com o sucesso desportivo. In: CRUZ, J. F. A.; GOMES, A. R. **Psicologia aplicada ao desporto e à atividade física**: teoria, investigação e intervenção. Braga: Universidade do Minho, 1997. p. 111-140.

CUPERTINO, A. P. F. B. et al. Estresse e suporte social na infância e adolescência relacionados com sintomas depressivos em idosos. **Psicologia**: reflexão e crítica, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 371-378, 2006.

DE ROSE JR., D. et al. Situações de jogo como fonte de stress em modalidades esportivas coletivas. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 385-95, 2004.

EPIPHANIO, E. H. **Psicologia do esporte e desenvolvimento humano**: um estudo exploratório junto a uma equipe feminina de vôlei. 2001. Tese (Doutorado em Psicologia)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

FIGUEIREDO, S. H. Variáveis que interferem no desempenho do atleta de alto rendimento. In: RUBIO, K. (Org.). **Psicologia do esporte**: interfaces, pesquisa e intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 114-124.

GOLDSTEIN, L. L. Stress e coping na vida adulta e na velhice. In: NERI, A. L. (Ed.). **Psicologia do envelhecimento**. Campinas: Papyrus, 1995. p. 145-158.

GONÇALVES, M. P.; BELO, R. P. Ansiedade-traço competitiva: diferenças quanto ao gênero, faixa etária, experiência em competições e modalidade esportiva em jovens atletas. **PsicoUSF**, v. 12, n. 2, p. 301-307, 2007.

GOUVEA, F. **Análise das ações de jogo e suas implicações para o treinamento técnico-tático da categoria Infanto-Juvenil (16 e 17 anos)**. 2005. Dissertação (Mestrado em Treinamento Esportivo)–Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

GOUVEA, F. et al. Carga psíquica em situações de jogo: investigação em atletas de voleibol feminino da categoria Infanto-Juvenil. **Revista Salusvita**, Bauru, v. 23, n. 1, p. 63-76, 2004a.

_____. Carga psíquica em situações de jogo: investigação em atletas de voleibol masculino da categoria Infanto-Juvenil. **Revista Salusvita**, Bauru, v. 23, n. 2, p. 69-81, 2004b.

GÜNTHER, I. A.; GÜNTHER, H. Brasília pobres, Brasília ricas: perspectivas de futuro entre adolescentes. **Psicologia**: reflexão e crítica, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 15-27, 1998.

KRISTENSEN, C. H. et al. Análise da frequência e do impacto de eventos estressores em uma amostra de adolescentes. **Interação em Psicologia**, v. 8, n. 1, p. 45-55, 2004.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: Educs, 2003.

_____. O sujeito coletivo que fala. **Revista Interface**, Botucatu, v. 10, n. 20, 2006, p. 517-524.

LOZANO, D. O. Variables psicológicas que pueden afectar al rendimiento deportivo: motivación, activación y ansiedad. **EFdeportes Revista Digital**, Buenos Aires, v. 7, n. 40, p. 1-3, 2001.

MAIA, A. S. Acesso à Universidade. **Educação Brasileira**, v. 11, n. 22, p. 93-97, 1989.

MARGIS, R. et al. Relação entre estressores, estresse e ansiedade. **Revista Psiquiatria RS**, v. 25, suplemento 1, p. 65-74, 2003.

MARTENS, R.; VEALEY, R.; BURTON, D. **Competitive anxiety in sport**. Champaign: Human Kinetics Books, 1990.

MC GRATH, J. E. Major methodological issues. In: _____. (Org.). **Social and psychological factors in stress**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1970. p. 19-49.

- MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- NOCE, F.; SAMULSKI, D. Análise do estresse psíquico em atacantes no voleibol de alto nível. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 113-29, 2002.
- OERTER, R.; DREHER, E. A adolescência. In: OERTER, R.; MONTADA, L. **Psicologia do desenvolvimento**. 5. ed. São Paulo: Editora Beltz, 2002. p. 258-318.
- OLIVEIRA, D. C. et al. Adolescência e trabalho: enfrentando o presente e esperando o futuro. **Temas em Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia**, v. 11, n. 1, p. 2-15, 2003.
- OLIVEIRA, M. C. S. L.; PINTO, R. G.; SOUZA, A. S. Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. **Temas em Psicologia**, v. 11, n. 1, p. 16-27, 2003.
- OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- PAES, R. **Aprendizagem e competição precoce**: o caso do basquetebol. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- PEREIRA, E. D. Adolescência: um jeito de fazer. **Revista da UFG**, Número Especial Juventude, v. 6, n. 1, p. 1-6, 2004.
- PEREIRA, E. D.; PINTO, J. P. Adolescência: como se faz? – apontamentos sobre discursos, corpos e processos educativos. **Revista Fazendo Gênero**, Goiânia, v. 7, n. 17, jul./out. p. 1-6, 2003.
- PIRES, E. A. G. et al. Hábitos de atividade física e o estresse em adolescentes de Florianópolis – SC – Brasil. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 1, p. 51-56, 2004.
- RENA, L. C. Projeto Adolescente Cidadão: as oficinas como estratégias de intervenção com grupos adolescentes. In: CONGRESSO DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL, 6., Salvador. **Resumos...** Salvador: UFBA, 2003. p. 1-16.
- ROHLFS, I. C. P. M. et al. Relação da síndrome de excesso de treinamento com estresse, fadiga e serotonina. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 11, n. 6, p. 367-372, 2005.
- RUETER, M. A. et al. First onset of depressive or anxiety disorders predicted by the longitudinal course of internalizing symptoms and parent-adolescent disagreements. **Archives of General Psychiatry**, v. 56, n. 8, p. 726-732, 1999.
- SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte**. 2. ed. Barueri: Manole, 2002.
- SAMULSKI, D.; CHAGAS, M. Análise do stress psíquico na competição em jogadores de futebol de campo das categorias infantil e juvenil (15-18 anos). **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 6, n. 4, p. 12-18, 1992.
- SAMULSKI, D.; NOCE, F. Equilíbrio psicológico pode definir equipe vencedora. **Vôlei Técnico**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 7, p. 19-27, 1996.
- SANTOS, C. M. O acesso ao ensino superior no Brasil: a questão da elitização. **Avaliação das Políticas Públicas em Educação**, v. 6, n. 19, p. 237-258, 1998.
- SEVERO, A. **Níveis de ansiedade em nadadores juvenis de ambos os sexos, no Estado do Paraná**. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1994.
- SPIELBERGER C. D. Theory and research on anxiety. In: SPIELBERGER, C. D. (Org.). **Anxiety and Behavior**. New York: Academic Press, 1966, p. 3-32.

TRAPÉ, A. A. et al. **Criação e validação de uma escala para análise do estresse psíquico em jovens atletas de voleibol feminino**. 2008. Monografia (Bacharelado em Educação Física)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

TRAPÉ, A. A. et al. Estresse psíquico em jovens atletas de voleibol. **Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro**, v. 14, n. 1, p. 17-28, 2010.

WEINBERGR, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do esporte e do exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Contato

Atila Alexandre Trapé
Avenida Bandeirantes, 3900, Monte Alegre
Ribeirão Preto – SP – Brasil – CEP 14040-900
E-mail: atrape@usp.br

Tramitação

Recebido em 20 de agosto de 2010
Aceito em 31 de setembro de 2011